

A FORMAÇÃO DO ANALISTA E O TEMPO NA (INS) TI-TUIÇÃO

Neste trabalho pretendo discorrer sobre a transmissão da psicanálise na instituição a qual pertencço APC e as (de)formações e criações que vem sofrendo no decorrer desses 26 anos, este cartel nomeado como Cartel de Formação e Direção, é permanente com o objetivo da circulação dos membros de tempo em tempo. O tempo próprio do inconsciente atemporalidade, o tempo de trabalho para “decantar”, para recolher algumas migalhas do percurso percorrido. Tempos que se desenrolam no divã, na clínica, nos laços transferenciais. Faço essa analogia com o decantar do vinho, verter o vinho, de forma lenta e contínua, o mais puro, a respiração do vinho, o oxigênio.

“ O vinho, ao assumir posição de equidade com o homem, assume também o que há de “fugitivo, transitório e contingente” nos humores humanos. É “no ouro de seu tinto vapor, como um sol poente em um céu nebuloso” (Baudeilaire, 2014 p.139-140).

A clínica psicanalítica a presença numa análise no setting analítico, no seu âmago evocam a harmonia mais pura, cheiros, sabores, o diamante mais bruto para ser lapidado, cada Sujeito na sua singularidade, no decantamento, encantamento e desencanto que o trabalho analítico produz a partir da presença do analista. Esses efeitos do tempo também se colocam na formação do analista, que ao se colocar a serviço, vai reconhecer que algo se deu só no depois. A transmissão nunca é antecipada é sempre a posteriori. São alguns fragmentos desse percurso de formação e transmissão do analista dentro da instituição psicanalítica que pretendo abordar e refletir neste texto.

Ao nos depararmos com a prática clínica com seus dispositivos a transmissão daquilo que o estudo teórico não poderia dar conta.

Os protótipos elaborados pelas instituições associadas a IPA trouxeram normativas inflexíveis que degradam, aquilo que é o mais precioso da psicanálise, a experiência do inconsciente.

Lacan a partir do seu retorno a Freud, colocou a formação do analista em outros termos, diante da situação que se dava a formação dos analistas em sua época, então começou a trilhar o seu ensino.

“Pois, se pudermos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo” (Lacan, 1998, p.462).

Lacan, coloca que não há formação do analista, porém formação do inconsciente, demonstrando assim a dimensão de implicação do mesmo nesse trabalho.

É inconcebível imaginar que um analista que se propõe à escuta do inconsciente não tenha passado por essa experiência como analisando, destaca a importância da sua análise pessoal para sustentar os lugares em que seus futuros analisandos o colocarão na transferência. Quando Lacan nos fala que a resistência é sempre do analista, é para lembrar que devemos atrapalhar o menos possível a tomada transferencial efetivada pelo analisando, sendo condição que nos deixemos ser tomados como objeto e operar a partir dali. Quanto menos o analista aparecer enquanto eu, mais chances há de estar em um lugar interessante para o andamento da análise.

É essa ideia que Lacan vai trazer quando menciona que o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática. “O analista é ainda menos

livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser” (Lacan, 1998, p.596).

Para que o tratamento possa advir, o poder delegado ao analista pelo analisante se dá pela transferência. Sustentar esse apagamento ou a política da “falta-a-ser” implica necessariamente que o próprio analista possa passar pela experiência de análise, vivenciando sua condição de sujeito do inconsciente.

Como nos lembra Firgermann, “o agente da psicanálise é produzido e só pode ser produzido pela sua operação. Ninguém pode conduzir a experiência psicanalítica sem ser atravessado e ter sido transformado (deformado) pela experiência mesma” (Fingermann, 2016, p.33).

Além, da questão fundamental que é o trabalho de análise, Lacan coloca dessa forma, a partir da análise pessoal, à luz do próprio inconsciente, o ensino teórico da psicanálise, que seria o segundo componente do clássico tripé, se dará não num terreno árido e distante, mas num terreno fértil e próximo. Portanto, se daria na conjunção entre a psicanálise em intensão (a análise) e em extensão (o ensino) e culminaria com a supervisão. Venho elucidar a importância da Instituição psicanalítica para a formação permanente do analista diante desses tempos bichudos o qual surgem uma infinidade de lugares “ditos formadores de psicanalistas em série”, retomando Lacan que propõe o Cartel como possibilidade, na instituição psicanalítica. A formação do analista a estrutura do desejo operando no centro do grupo que se une em torno de um tema, e como o operador é o vazio, o não saber, cada membro é convidado a dar de si nesse percurso de elaboração teórica, é o estudo sendo feito no

mesmo tom, da análise, nos dois casos o sujeito é chamado a se haver com o “não-saber”.

É Lacan quem mais uma vez propõe uma solução. O cartel oferece essa possibilidade. Trata-se de uma estrutura na qual nenhum dos participantes ocupa o lugar do mestre. O chamado “mais um” é um lugar vazio a convocar sempre que um dos participantes assim o achar necessário.

O analista demandará o reconhecimento de seus pares. Novamente os riscos característicos ao grupo entram em cena. As disputas políticas podem tomar o lugar da posição analítica. Lacan propõe o dispositivo do passe para neutralizar este risco. O analista se autoriza por si mesmo e pelo reconhecimento de seus pares. Seu lugar não é outorgado por um mestre, nem pela instituição. O autorizar-se psicanalista implica sustentar essa autorização ao se comprometer com a formação permanente, priorizando sua análise pessoal, pois a experiência radical de análise é a única garantia de sua formação como psicanalista.

Emília Broide vai trazer em suas discussões o quanto em psicanálise, quando se fala em transmissão, está se falando da transmissão da experiência. A autora faz uma importante e esclarecedora diferença entre transmissão e ensino, colocando que “a intenção do ensino é a aquisição do conhecimento, (...) o ensino volta -se para um saber sistematizado. Implica, muitas vezes o exílio do traço ou vestígio do sujeito da enunciação – daquele fala com os ditos” (Broide, 2017, pg 69). Esse exílio ou retirada de cena do sujeito da enunciação é algo que deve ser grifado quando discutimos a formação do analista.

E Quinet (2009, p.59) expõe que a via do matema é a via na qual se trata de transmitir o que é ensinável: o conhecimento, o saber. Logo, na via do matema encontramos o ensino da psicanálise e na via do estilo, podemos dizer, a própria psicanálise, a prática psicanalítica. Há algo que faz a junção das duas vias: a transferência. E diz Lacan ao fundar a Escola: A psicanálise só é transmitível pela transferência de trabalho.

A instituição Psicanalítica serve como uma âncora, para trilhar a formação do analista no encontro de diferentes tempos da formação e porque não dizer da sua própria análise. A (de)formação como função da instituição, inclusive nas questões da clínica, nas discussões e trabalhos dos membros na circulação e no pensar a instituição como função significativa, por estar inserido num determinado tempo de formação, tempos únicos de cada um, com movimentos inesperados, com a rigidez necessária, como um porto embarque - desembarque em movimento, nesse ir e vir da APC nessa construção e sustentação de um lugar oportunizar a escuta nesse espaço que permita a circulação da palavra dos seus membros.

Produzir ecos, criar corpo nas análises, supervisões, oferecer um lugar de demanda do desejo, respeitando o tempo de cada um, numa formação ética diante da formação do analista, privilegiando a construção de um estilo próprio. Evitando “os ditos formadores de psicanalistas em série.”

Referências:

BROIDE, E. Estivalet. A supervisão como interrogante da práxis analítica: Desejo de analista e a transmissão da psicanálise. São Paulo: Escuta, 2017.

FINGERMANN, Dominique. A (de) formação do psicanalista: As condições do ato psicanalítico. São Paulo: Escuta, 2016.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Ato de Fundação (1971). In: _____. Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Preparação de Texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Campo Freudiano no Brasil).

QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE /
Associação Psicanalítica de Porto Alegre. – n 29, 2005. -Porto Alegre:
APPOA